



A ópera dos três vinténs de Bertold Brecht no teatro e no cinema

Emanuely Gois Mendes Lima¹

Resumo: *A ópera dos três vinténs*, de Bertolt Brecht e Weill, foi escrita a partir da obra de John Gay *Ópera do Mendigo*, estreando em 1928. Em 1930 a Nero-filmes comprou os direitos de adaptação para a produção cinematográfica, permanecendo Brecht e Weill como adaptadores. Neste artigo serão discutidos alguns aspectos do texto da peça, sua adaptação para o cinema e alguns conceitos do teatro épico.

Palavras-chave: Bertolt Brecht; Capitalismo; Cinema; Teatro Épico.

Introdução

Este artigo tem como objetivo contextualizar a obra de Brecht como um experimento do teatro épico, bem como sua trajetória no cinema, esta outra linguagem artística. Por tanto, inicia-se com a reflexão sobre a obra *A Ópera dos Três Vinténs*, de Kurt Weill e do poeta e dramaturgo Bertolt Brecht.

A peça, adaptada da obra Gay *Ópera do Mendigo*, foi encenada em 31 de agosto de 1928. Esta versão foi a responsável por tonar a história conhecida no mundo todo. Os dois autores, Weill e Brecht, inspirados no gênero opereta e comédia musical, contam a história formada por quatro grupos de personagens: os bandidos, os mendigos, os policiais e as prostitutas.

Inicia-se quando Mac-Navalha e Polly resolvem casar. Mac é o chefe dos bandidos e o mais respeitado em Londres, e também dono de um bordel. O Sr. Peachum

¹ Aluna do 5º período do curso Teatro Licenciatura da Universidade Federal de Alagoas.

é o dono da empresa que controla a exploração dos mendigos, que são pessoas normais, caracterizadas de mendigos enfermos, que saem às ruas para mendigar, sendo explorados pelo Sr. Peachum porque são empregados dele. Polly é a sua filha, e ele não aceita seu casamento com Mac-Navalha, pressionando o chefe da polícia para que Mac seja preso e enforcado por seus crimes. Tiger Brow é delegado e amigo de Mac, amizade antiga. Brow é padrinho do casamento de Polly com Mac. Com a pressão feita pelo rei dos mendigos e a traição de Jenny, uma prostituta, Mac é preso, mas, por intervenção da Rainha, é solto e aceito pela família Peachum.

O Teatro Épico de Bertolt Brecht

São três os gêneros da dramaturgia: lírico, dramático e épico. O épico se dá quando o poeta narra em seu próprio nome ou servindo-se da personagem. O narrador comunica a alguém sua visão do mundo exterior e este é o objetivo do gênero.

Em Berlim já existia o teatro épico. Os artistas, cansados de escrever romances, optaram por escrever suas vivências, falar sobre o social, a política, a religião, o trabalho. Este teatro não tinha ainda o nome de épico, sendo chamado de teatro político.

Brecht cria o seu “o teatro épico” em 1926. Ele rompe com o teatro clássico aristotélico, que é um drama feito de ilusão para o público sentir temor e piedade das personagens, com a presença da quarta parede (como se o palco fosse uma caixa e a plateia, inexistente). Brecht quebra com esta parede, aproxima-se do público e o instiga a participar das apresentações.

Ele proporciona ao espectador condições de observar, analisar e criticar. Para isso era preciso distanciamento. O seu teatro épico era fragmentado; entre as ações havia um tempo para refletir, utilizando recursos cênicos para dar essa forma de distanciamento, por exemplo: música, alguns cenários projetados, imagens etc.

Com a *Ópera dos Três Vinténs* Bertolt Brecht faz o seu experimento de teatro épico. Seu objetivo era expor, com a sua obra, as críticas sociais daquela época, tornando o teatro uma função social que possibilite refletir a vida real no palco.

Na peça, sua crítica social revela a exploração da burguesia e que a corrupção que faz parte do capitalismo. As figuras do Sr. Peachum e de Mac são a representação da burguesia. Não importa o que o explorado faz, se ele se fantasia de mendigo para pedir dinheiro na rua ou se é prostituta, principal ganha-pão de Mac, do dono do bordel

ou de um policial que vende os seus serviços para as duas facções. Não importa o que o explorado faz para sobreviver; importa que o explorador obtenha vantagem e lucro.

Adaptação para o cinema

Com o sucesso das apresentações teatrais de *A Ópera dos Três Vinténs*, a empresa cinematográfica Nero-Film compra os direitos de adaptação. O filme seria coproduzido pela Warner Brothers. Além de vender os direitos de adaptação de sua obra, Weill e Brecht garantiam também os direitos dos adaptadores. Porém no contrato havia cláusulas perigosas, especialmente para Brecht, que, como autor, não poderia fazer reclamações sobre o filme.

Brecht só aceita a proposta devido à repercussão que teria a sua obra, pois o cinema lhe daria oportunidade de falar com muitas pessoas no mundo. Ele queria visibilizar a obra e fazer um experimento crítico através dessa nova linguagem. Porém as indústrias cinematográficas só desejavam adaptar a peça, transformando-a em filme. O filme, como mercadoria, mantendo-se neutro, não perderia o investimento. A experiência em adaptar a *Ópera dos Três Vinténs* para o cinema leva Brecht a assumir a produção de um filme independente. Não tendo empresas e patrocinadores, e sem dinheiro em jogo, não haveria problema em escrever o roteiro à sua maneira. Surge assim *Kuhle Wampe*, um filme com todas as características do teatro épico.

Considerações Finais

A obra brechtiana discutida foi o início de Brecht nas duas formas de segmentos artísticos, o teatro épico e o cinema, mostrando o dramaturgo e poeta por trás da sua arte. Em Nova Iorque, interrogado pelo comitê de atividades antiamericanas (que defendia a perseguição aos comunistas), Bertolt Brecht diz: “minha obra não foi escrita para comunistas alemães, mas sim para trabalhadores de qualquer espécie”. Assim, apesar do exílio, da falta de dinheiro, continuou com o seu propósito de mostrar para os trabalhadores, pessoas oprimidas, que tempos eram aqueles.

Referências

Flory, Alexandre. **Intermedialidade e teatro épico a partir de A ópera dos três vinténs, de Brecht: teatro e cinema.** Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/terraroja/article/view/25099/18393> Acesso em: 22 de abril de 2019.

Sofia Scala, Gastón Martins Canestrai. **Bertolt Brecht**: Resenha, legado e polêmica. Disponível em: https://www.esquerdadiario.com.br/spip.php?page=gacetilla-articulo&id_article=8411 Acesso em: 15 de maio de 2019.

SOUSA, Rainer Gonçalves. **Macartismo**. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/historia-da-america/macartismo.htm>. Acesso em: 20 de maio de 2019.

Santana, Ilma Esperança de Assis. **O Cinema Operário na República de Weimar**. São Paulo: Unesp, 2003.